

*Apresentação de Contas de um outro Rosário,  
de Manuel Maria*

No dia de apresentação de um romance, permitam-me que vos leia um poema, de alguém que partilha esse simples mas sublimado ‘M’, duplamente grafado no nome do nosso romancista.

Assim ditam os versos:

“Que mansas vêm as palavras  
Quando se querem num verso!  
Como contas dum rosário  
Ligadas pela nervura  
Da emoção,  
Fazem esquecer que são elas  
O azeviche em parcelas  
Que põe de luto a oração.”

Localizado em Coja e datado de 31 de Dezembro de 1952, “Astúcia” é o título; Miguel Torga, o poeta; e as palavras plasmam-se num texto criado no ano seguinte ao que trouxe Manuel Maria ao mundo.

Quase meio século depois, as “contas dum rosário” de Torga deram lugar a *Contas de um outro Rosário*. Estas também não estão desligadas da “nervura da emoção”, numa obra que não se veste de verso, mas enroupada de uma prosa que não se esqueceu das linhas com que se cose o escrito, tantas vezes matizado do oral. E se as palavras são o “azeviche” que põe luto na oração, também há as de seminal cor que alimentam a vida,... as que ainda fazem da oração uma acção de graças.

Da obra que interessa hoje apresentar, também se poderia dizer “Que mansas vêm as palavras / Quando se querem em prosa”. Esta, pelo menos, foi a sensação de fluidez e a vontade de um leitor que encarou inicialmente a relação com esta narrativa, tal como um descobridor anseia chegar à terra a conhecer. Tocada essa terra pelos diferentes

sentidos, ganha corpo o encontro, enriquecendo não só aquele que desvela o desconhecido mas também o que, existindo, se dá a ver e a ler.

Deste corpo feito de renovados encontros (com o ar, com o tempo, com o espaço, com o outro, com a vida, com a morte... mas também com um mundo alternativo criado à semelhança e dissemelhança do vivido) direi que foi há cerca de um ano que me cruzei com um volume de páginas impressas a partir do que um computador me deu a ver. Encontrei palavras feitas de memórias e pela memória criadora de uma ficção construída sustentada num real. Sem título (na altura), a novidade impôs-se, liberta de quaisquer constrangimentos; reafirmou-se num intrigante e engendrado enredo capaz de se rever entre um policial e um registo de memórias. Com a primeira leitura (experienciada na Quinta da Ermida, com os saberes e os sabores do romance, revividos pela realidade dos sentidos), rememoraram-se tradições, locais, o imaginário do Douro; as origens, a criação, a assunção da força natural, pujante e regeneradora da terra a que tantas vezes este espaço está votado simbólica e culturalmente na literatura nacional. Eça de Queirós, Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís (só para mencionar alguns entre os mais reconhecidos escritores da narrativa portuguesa) assim o representaram; Manuel Maria recuperou essa linha temática, explorando nela um veio emergente da própria fonte romanesca: o da criação de condições de ficção narrativa a partir de possíveis inter-relações com essa base inspiradora do mundo real.

A vida romanceada e focalizada num conflito trágico surgido entre as personagens da família Lameiras e as do Outeiro flui a par de uma outra linha narrativa, classificada como novela e caracterizada pela própria reflexão acerca da produção escrita - uma espécie de ficção dentro da ficção, a que não falta uma meta-ficção. A primeira, tomada como principal e sentida como mais verdadeira, referencialmente situada na zona do Douro e da localidade de Resende, inspira a segunda e acaba por a conduzir para uma maior transposição ficcional, porque criada a partir daquela e daquela explicitamente mediada pela génese criadora da escrita gerada pelo narrador Leopoldo. Entre as duas traça-se uma fronteira, consubstanciada na ética, no jogo de valores, nos dilemas, no medo de errar, na dúvida. A intriga romanesca principal faz sobressair um crime articulado com experiências de vida feitas de pretextos, presunções, rotinas, más sinas, vícios, consciências fortemente dominadas pelo pecado e por suspeições infundadas (tudo frequentemente contraposto aos valores da dignidade e do livre arbítrio, da atitude questionadora, da vontade e da expressão da mudança); a intriga novelesca secundária

relewa toda uma série de analogias, numa aproximação ou exploração de coincidências com o romance e que conduzem à explicação do que este último não pode deixar ver.

É no plano das impossibilidades do romance que o autor vê algum terreno para motivar a construção de uma novela, também familiar e oralmente apresentada como “um romance”. Assim o parece evidenciar um curto diálogo entre o narrador-personagem Leopoldo (advogado, conhecedor de uma tragédia que não quer julgar) e o amigo Cavadas (oficialmente chamado para a investigação do caso):

Passo a citar:

“ - ...Tu próprio admites que o erro é humano. Posso ou não errar?

- Podes. Mas nunca o farás por negligência ou falta de escrúpulos.

- Mas se o erro existir, isso não atenua os seus efeitos.

- Pois não.

- E então?

- Matéria para um livro. Talvez possa vir a dar um bom romance.”

Fim de citação.

A possibilidade dá lugar à realidade: a de uma outra narrativa alternando com o romance - uma novela que brota e espelha esse outro género maior, centrado na questionação, na dúvida para a fronteira esboçada entre o segredo e a partilha, a paz e a desordem, o passado e o presente, o prazer espiritual e o carnal (... em suma, entre opostos que, de alguma forma, se complementam).

Com a génese da novela de Leopoldo surgida a partir dessa mesma dúvida (de um momento marcado pelo desconforto: aquele no qual a intensidade das crenças surge de alguma forma enfraquecido), processa-se a própria mudança, pela reflexão daí resultante. A Leopoldo resta assumir a escrita como espaço de desocultação progressiva do romance trágico vivido pelos do Outeiro no confronto com os Lameiras. Aí também há lugar para a renovação da humanidade do narrador, numa tentativa de conciliação entre a inverdade do que vai ouvindo de algumas personagens e a compreensão dos actos por estas levados a cabo. É neste plano que se esbate a fronteira entre o segredo de justiça a que Leopoldo se vê votado e a verdade da novela que cria. Seja a reconhecer a sua dificuldade na defesa de uma situação que acaba por compreender, seja a explorar um conjunto de reflexões sobre condições de vida que marcam o Homem (a ponto de este sair condicionado nos seus actos), o narrador-advogado-escritor Leopoldo sente a

necessidade de assegurar que (passo a citar) “a verdade dum romance não passa disso mesmo, é apenas a verdade dum romance: nunca passará de ficção. E qualquer semelhança com a chamada realidade nunca será mais do que uma mera coincidência entre o que escreve o autor e o que lê o seu leitor” (fim de citação). Afinal, as relações entre a verdade da narrativa da vida e a verdade da narrativa da escrita ficam-se pela verdade percebida – qual dor pessoal que os leitores não têm nem do autor a recebem.

O que parece ser uma salvaguarda para as identidades resultantes da leitura integral da obra não apaga (não me apagou enquanto leitor) a ideia de que *Contas de um outro Rosário* se fecha numa circularidade textual cujo final é a causa e a explicação lógica para a reacção inicial de personagens como Rosalina - mulher que sofre com a prisão e a condenação do marido por um crime não cometido. Nem o grito angustiado por ela lançado nas primeiras páginas quebra os segredos que se vão descortinando e denunciando ao longo da obra. À medida que estes vão aparecendo, circunscrevem-se, fecham-se, escudam-se, escusam-se, como se estivessem não no que não se diz, mas no que, dizendo-se, fica por dizer. Que o digam Leopoldo, ao não aceitar a defesa que Rosa do Outeiro solicita para o marido; o cónego Luís, quando afirma saber o que se passa no tribunal, numa consciência segredada da mentira (que só a lógica do Entrudo parece não querer levar a mal); a Tia Leonarda, quando assume conhecer o segredo de Rosalina sem que o possa contar, por poder de juramento; o Carioca, quando profere os seus ditados e provérbios mascarados de saber intemporal, mas indiciadores de acção e de factos narrativos concretos; a escrita novelesca de Leopoldo, tão coincidentemente inspirada na vida das personagens que com ele interagem no romance; a própria Rosalina, quando ameaçadoramente jura que “ainda” conta tudo, e dá tempo ao silêncio.

Em suma, comunicar parece ter-se transformado num jogo, numa competição de vontades, que quer fazer esconder o vício, o erro, a fraqueza, a dúvida tão próprias da condição humana.

Além deste encontro, geográfica e ficcionalmente motivado, um outro saiu reafirmado com a leitura feita. E agora que o título é conhecido, poder-se-á dizê-lo: também nele se configura esse outro encontro. Por trás de uma expressão de cariz popular, recupera-se para este romance toda uma gama de relações interdiscursivas e intertextuais capazes de fazer rever, a um tempo, o que de mais tradicional e de mais consagrado existe na escrita literária.

Uma multiplicidade de géneros discursivos apercebidos (sermões, narração, descrição, depoimentos, cânticos bíblicos, quadras e modinhas) converge numa composição de referências e citações directas ou indirectas ao que de melhor há no registo oral, nomeadamente pelo recurso a provérbios, expressões fixas, enunciados paremiológicos. Nova fronteira se esbate: a da literatura e a da oratura (termo criado pelo linguista ugandês Pio Zirimu, para associar não só uma vertente distintiva da oralidade face à escrita das literaturas modernas em África mas também a consciência de um conjunto de conotações relacionadas com um sistema estético, um método e uma atitude filosófica capazes de ver no texto oral características que são amputadas sempre que este é fixado pelo escrito - nomeadamente com a perda da relação entre a palavra e a música, o ritmo, a mímica). Provérbios, máximas, rezas, lendas, fábulas são géneros e temas da oratura que fervilham desde o título até às falas representadas nas vozes das personagens populares ou na do próprio narrador.

A este teatro de vozes acresce todo um coro de autores que, com Manuel Maria, criam uma polifonia revista na Literatura e Cultura Portuguesas (Alexandre Herculano, Camilo, Eça, Cesário, Sttau Monteiro, Vergílio Ferreira, António Damásio) ou no imaginário da tradição narrativa oral (onde também se inclui o modelo fabulário de La Fontaine). Os modelos, quando são bons, têm esta vantagem: a de merecerem ser seguidos. Assim não fosse e não poderia ser tratado esse conceito tão relevante para a Literatura, que revê no que se escreve muito daquilo que já se leu: o intertexto. Além do acto criativo como espaço de comunhão, Manuel Maria assume este acto de generosidade e de partilha das suas leituras, do seu saber, com os quais convida as palavras a adquirirem sentidos, a gerirem emoções.

*Contas de um outro Rosário* é o título para o resultado de toda a astúcia que o autor revelou para manter até ao fim um segredo: o do cónego Luís, que com tais palavras o propôs no episódio inicial ou assim o foi controlando ao longo de vários momentos da narrativa; o da Rosa do Outeiro, magistralmente ocultado pelo narrador a ponto de fazer germinar duas narrativas; o de Rosalina, que preferiu calar a verdade no tribunal. Dessas contas se foi aproximando o narrador Leopoldo, primeiramente, pela confissão de uma mãe sofrida e de uma esposa entregue a um amor que escapa às razões do nosso tempo; no final, pelo desfiar velado da verdade denunciada por Rosalina. Dessas mesmas contas faz o leitor uma representação, ponderando as coincidências vertidas do romance ficcionalmente vivido na novela intencionalmente criada.

Muito se diz de boca e, quando ao pé dela se tem o coração, nem sempre há palavras que reflectam ou justifiquem os actos.

Num tribunal, uma mulher grita pela inocência do marido, acusado de um crime. Leopoldo é peça nuclear na investigação deste facto narrativo. É no limiar da vivência desta personagem e da transposição por ela feita para a génese de “um romance” que muitas histórias se cruzam - fios de Ariadne que permitem ao leitor decifrar um labirinto romanesco composto por intrigas aparentemente desconexas; uma enfiada de acções e acontecimentos assente numa variedade de discursos, valores, dramas tão fictícios quanto reais; um jogo de tempos a todo o momento recriado e reconhecido; um desfile de personagens e experiências perspectivado pela tradição do velho sempre novo; uma referencialidade de espaços feita cenário para uma visão de fronteira a todo o tempo ultrapassada.

Se com Carioca (personagem tão familiar mas não menos enigmática) se vislumbram as novidades de hoje como ditados de um passado com actualidade eterna, nesta obra relêem-se discursos, histórias, dramas de um teatro da vida a desvelar por vozes, tempos e espaços memoráveis.

Em jeito de conclusão, porque não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe (deixo ao auditório a liberdade dos termos da apreciação), resta-me formular o convite para que se deixem conquistar pela leitura deste romance que convoca a descoberta de uma verdade, segundo o protagonista (e, quiçá, o autor) também feita (cito) “das palavras [que] fazem parte do instrumento mais complicado de que se serve o homem” (fim de citação).

E se, na leitura, virem mais do que aquilo que aqui foi dito, lembrem-se que, à luz do filósofo austríaco Karl Popper, nunca saberemos o suficiente para podermos ser intolerantes.

... Mas isto serão sempre “Contas de um outro Rosário”.

Especialmente dedicado ao Manel,  
Com a amizade mais pura que este Dia Mundial da Criança lhe possa dar.

Gondomar, 1 de Junho de 2007